

# Sistema Bancário Português: desenvolvimentos recentes

3.º trimestre 2017



BANCO DE  
PORTUGAL  
EUROSISTEMA

Lisboa, 2018 • [www.bportugal.pt](http://www.bportugal.pt)

Redigido com informação disponível até 18 de dezembro de 2017 para indicadores macroeconómicos e relativos aos mercados financeiros, e até 14 de dezembro de 2017 para a informação relativa ao sistema bancário português.

Refira-se, adicionalmente, que os indicadores macroeconómicos e a informação relativa ao sistema bancário têm periodicidade trimestral, sendo apresentados até ao último trimestre completo disponível, enquanto os indicadores relativos aos mercados financeiros, cuja frequência é diária, são apresentados até ao último dia de informação disponível.

Sistema Bancário Português: desenvolvimentos recentes • Banco de Portugal | Rua Castilho, 24 | 1250-069 Lisboa • [www.bportugal.pt](http://www.bportugal.pt) • Edição Departamento de Estabilidade Financeira • Design Direção de Comunicação | Unidade de Imagem e Design Gráfico • ISSN 2183-9646 (*online*)

# Índice

1. Sistema bancário português: Avaliação global | 4
2. Indicadores macroeconómicos e financeiros | 5
3. Sistema bancário português | 7
  - 3.1. Balanço | 7
  - 3.2. Liquidez e financiamento | 8
  - 3.3. Qualidade dos ativos | 10
  - 3.4. Rendibilidade | 11
  - 3.5. Solvabilidade | 13

# 1. Sistema bancário português: Avaliação global

## **Balanço**

No terceiro trimestre de 2017, o ativo total do sistema bancário aumentou. Esta evolução refletiu um aumento das disponibilidades em bancos centrais e dos empréstimos concedidos a administrações públicas, tendo sido, parcialmente, compensada pela redução dos títulos de dívida pública.

## **Liquidez e financiamento**

O financiamento junto de bancos centrais reduziu-se no terceiro trimestre situando-se perto do valor observado no fim de 2016. Os indicadores de liquidez mantêm-se em níveis elevados, apesar de uma ligeira diminuição no terceiro trimestre de 2017.

## **Qualidade dos ativos**

A qualidade dos ativos evoluiu favoravelmente no terceiro trimestre de 2017, continuando a refletir, em grande medida, a evolução positiva no segmento das sociedades não financeiras.

## **Rendibilidade**

A rendibilidade do sistema bancário no conjunto dos três primeiros trimestres de 2017 foi positiva e superior à registada no período homólogo do ano anterior.

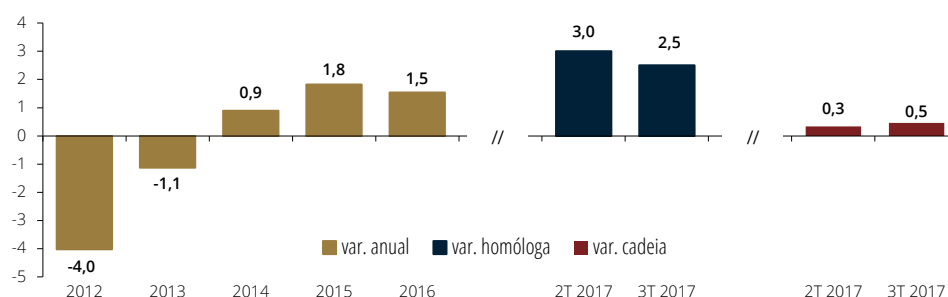
A melhoria da rendibilidade face ao mesmo período do ano anterior deveu-se, acima de tudo, a uma diminuição substancial do fluxo de imparidades para crédito.

## **Solvabilidade**

Os níveis de solvabilidade do sistema bancário aumentaram no terceiro trimestre de 2017, refletindo o incremento dos capitais próprios e a diminuição dos ativos ponderados pelo risco.

## 2. Indicadores macroeconómicos e financeiros

**Gráfico 1 • Taxas de crescimento do PIB, em % | Volume**

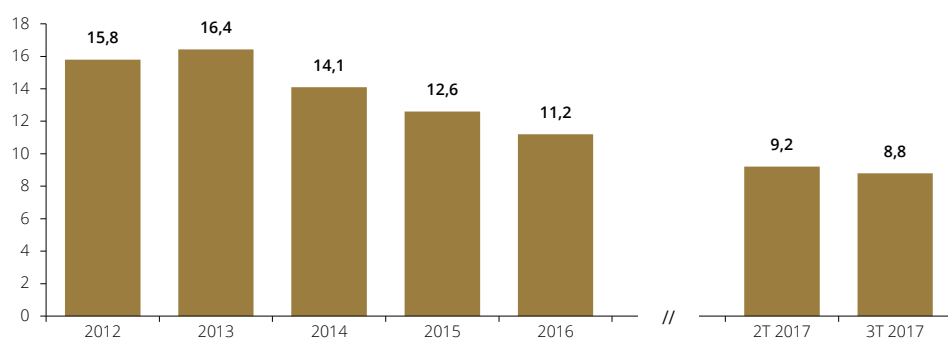


Fonte: INE.

Nota: As estatísticas das contas nacionais apresentadas incorporam as regras emanadas do Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais na União Europeia (SEC 2010).

- No terceiro trimestre de 2017, o PIB cresceu 2,5% em termos homólogos, o que compara com 3,0% no trimestre anterior.
- O crescimento do PIB em cadeia cifrou-se em 0,5%, o que representa uma aceleração face ao crescimento observado no trimestre anterior (0,3%).

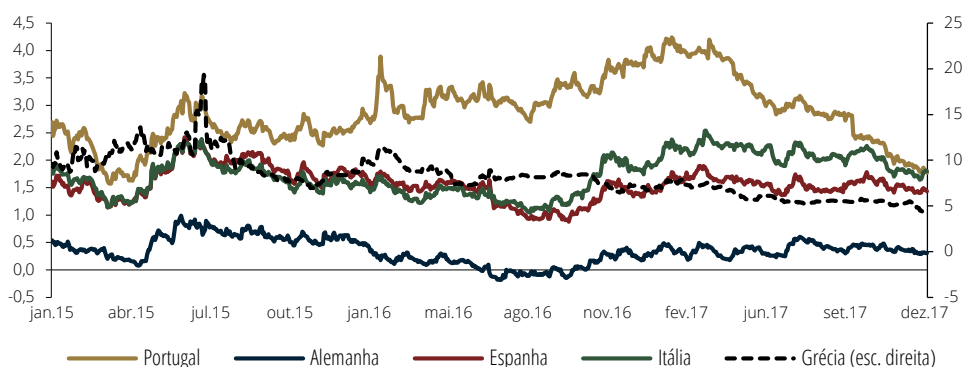
**Gráfico 2 • Taxa de desemprego, em % da população ativa**



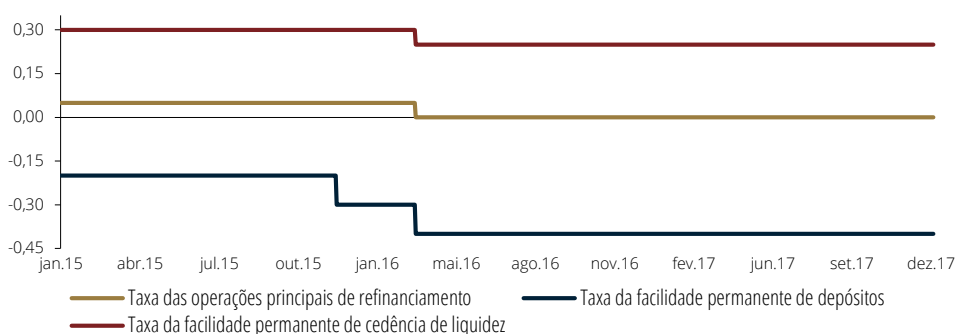
Fontes: Banco de Portugal e INE.

Nota: A taxa de desemprego corresponde à taxa de desemprego publicada pelo INE no mês central de cada trimestre, ajustada de sazonalidade.

- A taxa de desemprego situou-se em 8,8% no terceiro trimestre de 2017, decrescendo 0,4 p.p. relativamente ao trimestre anterior.
- Face ao período homólogo, a taxa de desemprego diminuiu 2,1 p.p.

**Gráfico 3 • Taxas de rendibilidade da dívida pública a 10 anos, em %**

- A taxa de rendibilidade implícita (*yield*) da dívida pública portuguesa a 10 anos decresceu mais de 60 pontos base entre 30 de junho de 2017 e 29 de setembro de 2017, assim como o *spread* face à dívida pública alemã.
- A dinâmica de decréscimo da *yield* tem persistido ao longo do quarto trimestre de 2017, observando-se uma redução adicional de 62 pontos base entre 29 de setembro e 18 de dezembro 2017. Esta evolução foi suportada, *inter alia*, pela subida do *rating* para nível de *investment grade* por parte da Standard & Poor's, em meados de setembro de 2017 e, no dia 15 de dezembro, pela agência de *rating* FITCH (esta agência subiu o *rating* da República Portuguesa dois níveis, de BB+ para BBB).

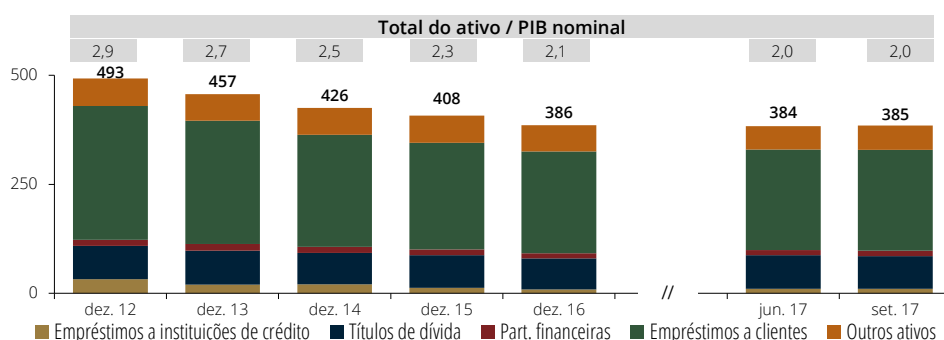
**Gráfico 4 • Taxas de juro do BCE, em %**

- As taxas de juro do BCE permanecem inalteradas desde março de 2016: a taxa de facilidade permanente de depósitos em -0,40%, a taxa das operações principais de refinanciamento em 0% e a taxa da facilidade permanente de cedência de liquidez em 0,25%.
- Os níveis das taxas de juro interbancárias de referência continuam a refletir a natureza acomodatória da política monetária, nomeadamente, o programa de compra de ativos por parte do BCE.

## 3. Sistema bancário português

### 3.1. Balanço

Gráfico 5 • Estrutura do ativo, em mM€

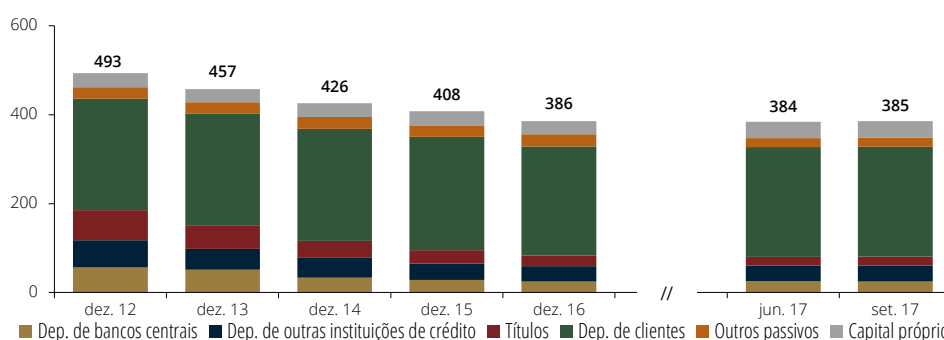


Fonte: Banco de Portugal.

Nota: A rubrica Outros ativos inclui caixa e disponibilidades/aplicações em bancos centrais, disponibilidades em outras instituições de crédito, derivados, ativos tangíveis e intangíveis, e outros ativos.

- No terceiro trimestre de 2017, o ativo aumentou 0,3% cifrando-se em cerca de 385 mM€.
- Este aumento refletiu um aumento das disponibilidades em bancos centrais e dos empréstimos a clientes (em particular, a administrações públicas), tendo sido, parcialmente, compensado pela diminuição dos títulos de dívida pública detidos pelo setor bancário.
- Os empréstimos às sociedades não financeiras continuaram a diminuir enquanto os empréstimos aos particulares permaneceram estáveis no terceiro trimestre.

Gráfico 6 • Estrutura do passivo e capital próprio, em mM€



Fonte: Banco de Portugal.

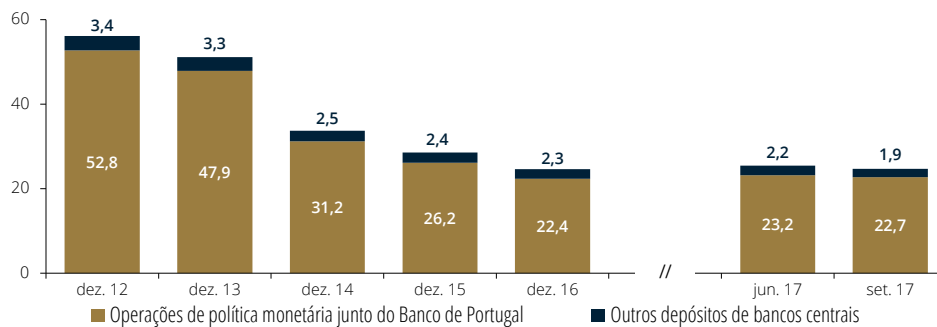
Nota: A rubrica Outros passivos inclui derivados, passivos a descoberto e outros passivos.

- O financiamento interbancário líquido aumentou no terceiro trimestre devido ao aumento dos depósitos de outras instituições de crédito. No mesmo sentido, o capital próprio e os outros passivos também aumentaram.

- Os depósitos de clientes diminuíram neste período dominados pela atividade doméstica, refletindo, principalmente, a diminuição dos depósitos de particulares, que foi parcialmente compensada pelo aumento dos depósitos de sociedades não financeiras.

### 3.2. Liquidez e financiamento

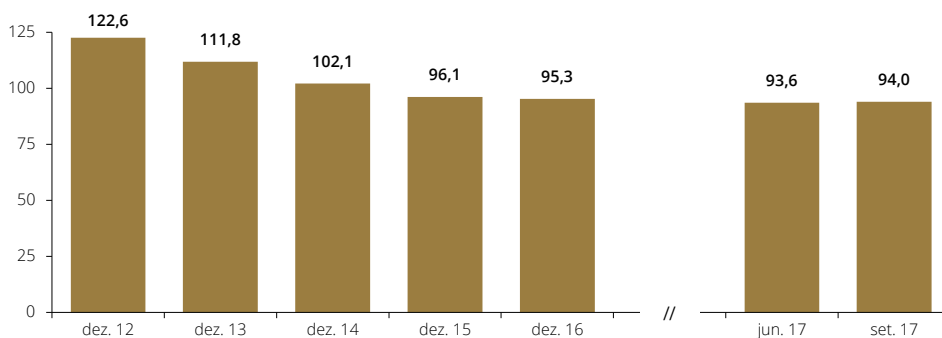
**Gráfico 7 • Financiamento de bancos centrais, em mM€**



Fonte: Banco de Portugal.

- O financiamento obtido junto de bancos centrais diminuiu 2,8%, no terceiro trimestre, cifrando-se num valor semelhante ao observado no final de 2016. Em comparação com dezembro de 2016, a composição deste financiamento apresenta uma maior componente de Operações de refinanciamento de prazo alargado (LTRO), em detrimento das Operações principais de refinanciamento (MRO) e de outros recursos provenientes de bancos centrais.

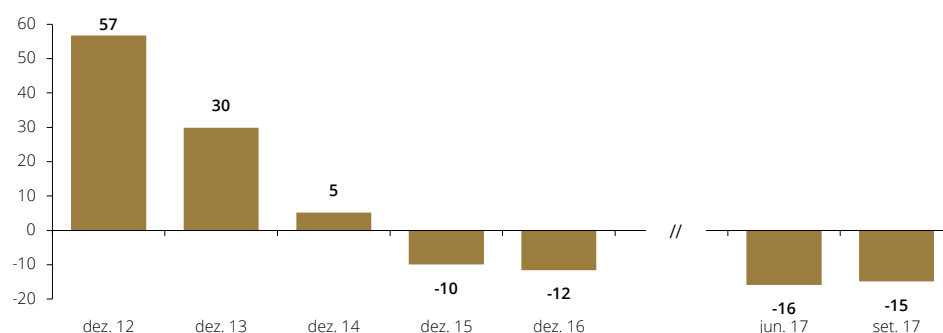
**Gráfico 8 • Rácio entre empréstimos e depósitos, em %**



Fonte: Banco de Portugal.

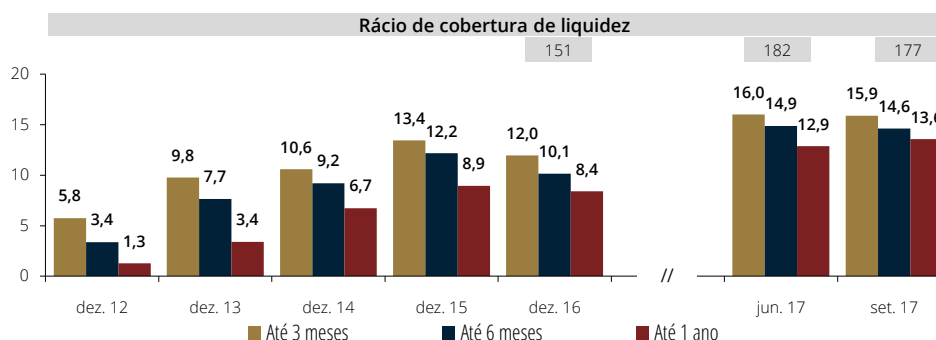
- O rácio entre empréstimos e depósitos de clientes aumentou ligeiramente no terceiro trimestre de 2017.



**Gráfico 9 • Gap comercial, em mM€**

Fonte: Banco de Portugal.

- O *gap* comercial (diferença entre empréstimos e depósitos) aumentou 1 mM€ no terceiro trimestre de 2017.

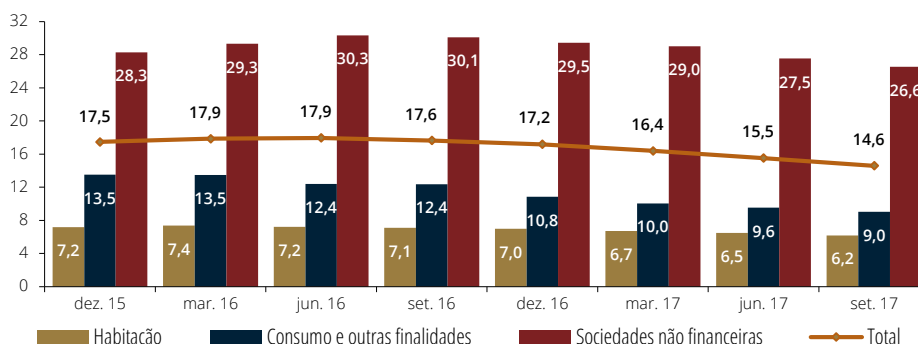
**Gráfico 10 • Gaps de liquidez das instituições domésticas<sup>(a)</sup> e rácio de cobertura de liquidez (RCL)<sup>(b)</sup>, em %**

Fonte: Banco de Portugal.

Notas: a) O *gap* de liquidez define-se como a diferença entre ativos líquidos e passivos voláteis em proporção da diferença entre ativo total e ativos líquidos, em cada escala cumulativa de maturidade residual. Um aumento neste indicador traduz uma melhoria da posição de liquidez. b) O rácio de cobertura de liquidez (*liquidity coverage ratio*) resulta da divisão entre os ativos líquidos não onerados e de qualidade elevada, e o total de saídas líquidas de fundos durante um período de tensão de 30 dias de calendário.

- A liquidez do sistema bancário manteve-se em níveis confortáveis, embora o rácio de cobertura de liquidez (sistema bancário português) e os *gaps* de liquidez (instituições domésticas), para dois dos prazos, tenham diminuído ligeiramente.
- Os ativos líquidos do sistema bancário aumentaram ligeiramente e são compostos essencialmente por títulos de dívida pública, disponibilidades em bancos centrais e caixa.

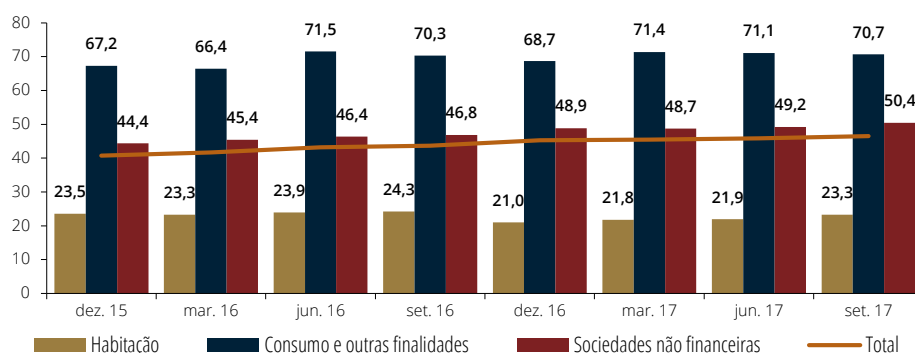
## 3.3. Qualidade dos ativos

Gráfico 11 • Rácio de empréstimos *non-performing*, em %

Fonte: Banco de Portugal.

Nota: O rácio de empréstimos *non-performing* corresponde ao montante de empréstimos *non-performing* em relação ao total de empréstimos, de acordo com os ITS da EBA.

- No terceiro trimestre de 2017, o sistema bancário prosseguiu a trajetória de redução dos empréstimos *non-performing*, os quais diminuíram 2,3 mM€ face a junho de 2017 e 10,5 mM€ face a junho de 2016.
- O rácio de empréstimos *non-performing* cifrou-se em 14,6% na sequência da referida redução dos empréstimos *non-performing* e, em menor escala, do aumento dos empréstimos.
- A evolução observada neste trimestre, não obstante o contributo positivo de todos os setores, refletiu, principalmente, a redução dos empréstimos *non-performing* das sociedades não financeiras, tendo estes diminuído 5,2% (1,4 mM€) face a junho de 2017.

Gráfico 12 • Rácio de cobertura dos empréstimos *non-performing*, em %

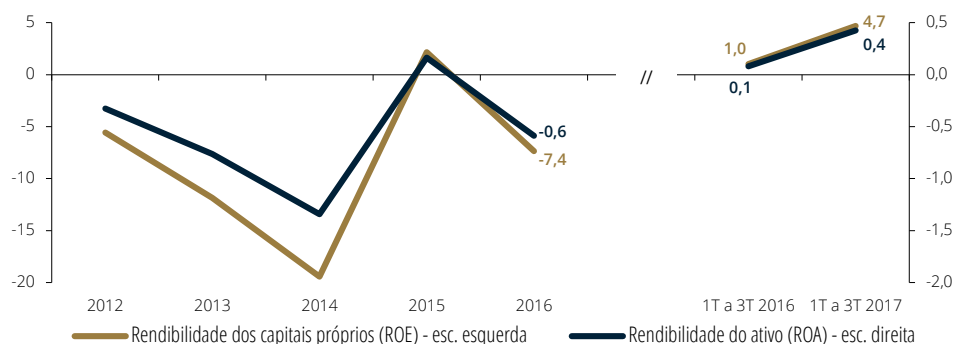
Fonte: Banco de Portugal.

Nota: Por rácio de cobertura entende-se a percentagem de empréstimos *non-performing* que se encontra coberto por imparidades.

- Em setembro de 2017, o rácio de cobertura de empréstimos *non-performing* por imparidades situou-se em 47%, refletindo um aumento de 0,6 p.p. no trimestre. Esta evolução refletiu o aumento do rácio de cobertura no segmento das sociedades não financeiras em 1,2 p.p.

### 3.4. Rendibilidade

**Gráfico 13 • ROE e ROA, em %**

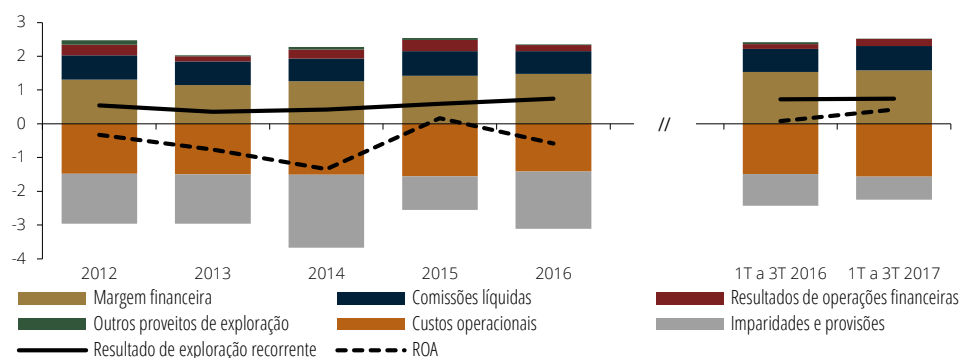


Fonte: Banco de Portugal.

Nota: No cálculo da rendibilidade são considerados os resultados antes de impostos. Os resultados intra-anuais encontram-se anualizados.

- A rendibilidade dos capitais próprios e do ativo aumentou no conjunto dos três primeiros trimestres do ano relativamente ao período homólogo. A rendibilidade dos capitais próprios cresceu 3,7 p.p. enquanto a rendibilidade do ativo aumentou 0,3 p.p.
- O aumento da rendibilidade face ao conjunto dos três primeiros trimestres de 2016 reflete o crescimento dos resultados de operações financeiras e, em especial, uma redução expressiva do fluxo de imparidades, em especial para crédito.

**Gráfico 14 • Custos e proveitos, em % do ativo médio**



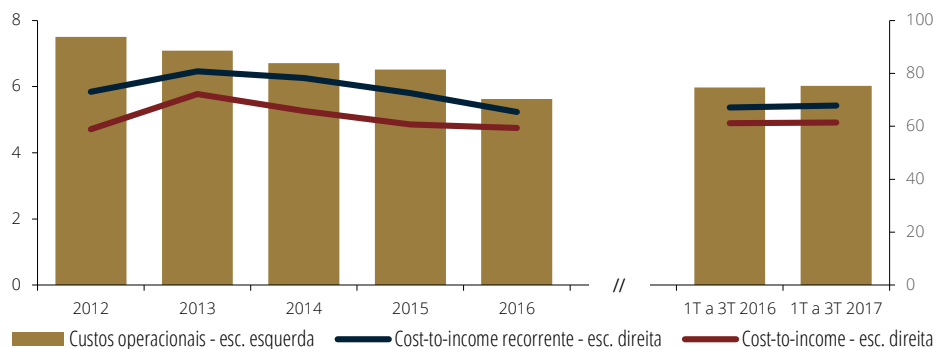
Fonte: Banco de Portugal.

Notas: O resultado de exploração recorrente corresponde ao agregado da margem financeira e das comissões (líquidas) deduzido dos custos operacionais, em percentagem do ativo médio.

- Num contexto de queda dos juros recebidos e dos encargos com juros (em montantes semelhantes), o contributo da margem financeira para o ROA aumentou ligeiramente face ao conjunto dos três primeiros trimestres de 2016, devido, essencialmente, à redução homóloga do ativo total.
- Os custos operacionais mantiveram-se praticamente inalterados no conjunto dos 3 primeiros trimestres de 2017, face ao período homólogo de 2016. Todavia, neste período verificou-se um incremento significativo, mas não recorrente, dos custos com pessoal, que compensou a queda expressiva dos

gastos gerais e administrativos. A evolução dos custos com pessoal tem vindo a ser negativamente afetada pelos processos de reestruturação em curso em algumas principais instituições.

**Gráfico 15 • Custos operacionais e rácios *cost-to-income*, em mM€ e em %**

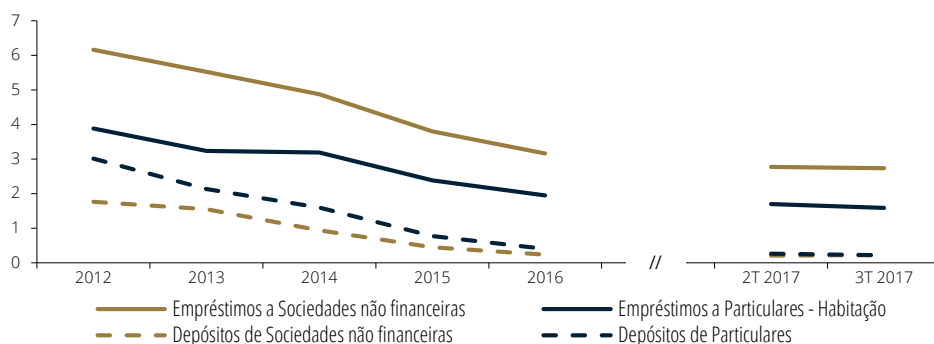


Fonte: Banco de Portugal.

Nota: O rácio *cost-to-income* recorrente corresponde aos custos operacionais em percentagem do agregado da margem financeira e das comissões (líquidas).

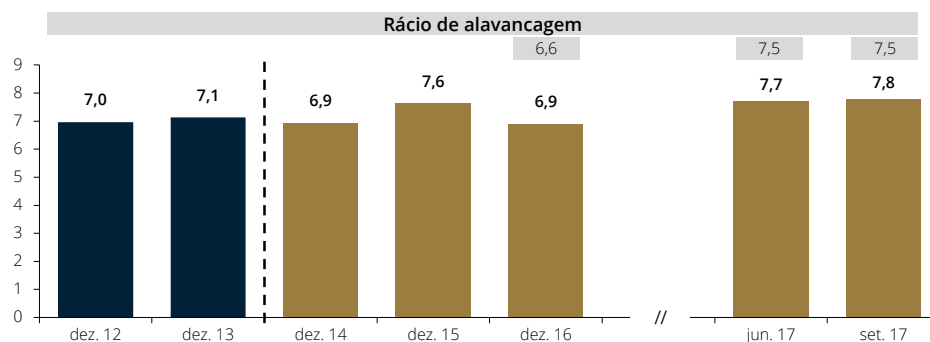
- O rácio *cost-to-income* do sistema bancário cifrou-se em 61% no conjunto dos três primeiros trimestres de 2017, mantendo-se virtualmente inalterado face ao período homólogo. Esta evolução decorreu da relativa estabilização dos custos operacionais dado o aumento não recorrente dos custos com pessoal, incorridos no seguimento dos processos de reestruturação em curso em algumas das maiores instituições.

**Gráfico 16 • Taxas de juro bancárias de novas operações, em % | Valor médio do período**



Fonte: Banco de Portugal.

- Tal como nos trimestres anteriores, as taxas de juro de novos empréstimos a Particulares – Habitação e a Sociedades não financeiras diminuíram (11 pontos base e 4 pontos base, respetivamente).
- O custo dos novos depósitos evoluiu de forma díspar entre segmentos no trimestre em análise, tendo aumentado 1 ponto base no segmento das Sociedades não financeiras e diminuído 5 pontos base no segmento dos Particulares.

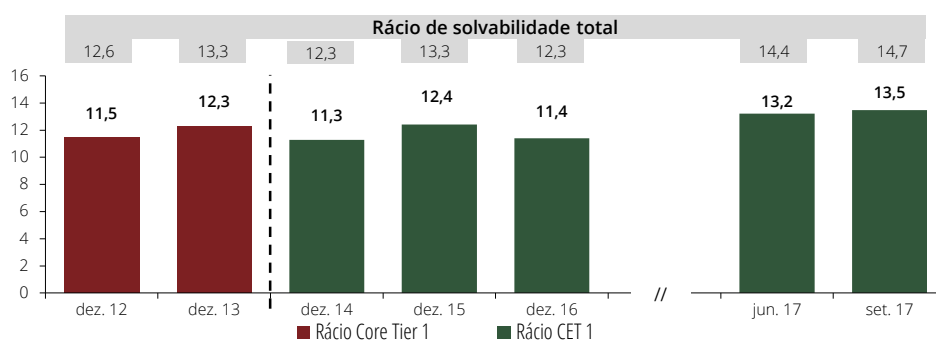
3.5. Solvabilidade<sup>(a)</sup>Gráfico 17 • Rácio entre o capital *Tier 1* e o ativo total e rácio de alavancagem, em %

Fonte: Banco de Portugal.

Nota: O rácio entre o capital *Tier 1* e o ativo total deve ser visto como uma *proxy* do rácio de alavancagem permitindo um enquadramento temporal mais longo. Por sua vez, o rácio de alavancagem é calculado através da divisão entre os fundos próprios e a exposição total do sistema bancário. A metodologia estabelecida para o cálculo das componentes deste rácio encontra-se definida no artigo 429º do Regulamento (UE) nº 575/2013.

- O rácio entre o capital *Tier 1* e o ativo total aumentou de forma marginal no terceiro trimestre de 2017 (0,1 p.p.), refletindo, fundamentalmente, um ligeiro aumento de capital do sistema bancário.
- O rácio de alavancagem permaneceu virtualmente inalterado face ao trimestre anterior, em 7,5%.

Gráfico 18 • Rácios de fundos próprios, em %



Fonte: Banco de Portugal.

- O rácio de solvabilidade total situou-se em 14,7% em setembro de 2017, o que representa um ligeiro aumento face ao trimestre anterior.
- O rácio *Common Equity Tier 1* (CET 1) cifrou-se em 13,5%, o que representa um aumento de 0,3 p.p. face ao segundo trimestre de 2017, refletindo um incremento do capital CET 1 e uma diminuição dos ativos ponderados pelo risco.

(a) A transição para um novo regime prudencial em 2014 determinou quebras de estrutura dos indicadores de solvabilidade, justificadas por diferenças metodológicas no cálculo das componentes de fundos próprios, afetando a comparabilidade dos rácios relativamente a anos anteriores.

